

RELATO DA MINHA EXPERIÊNCIA, ENQUANTO MORADOR DA FURNA DOS BAIANOS, E PARTICIPANTE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA: A UTILIZAÇÃO DO LÚDICO ANCESTRAL.

Anderson Lopes Silva, UFMS¹

anderson_ribeiro1998@hotmail.com

Fátima Cristina D. F. Cunha, Orientadora, UFMS²

fatima.cunha@ufms.br

Resumo

Ao relatar a minha experiência, enquanto morador da Furna dos Baianos, senti que poderia contribuir, encorajando algumas pessoas a também relatarem as suas experiências e vivências, observei e participei da prática pedagógica na educação quilombola: a utilização do lúdico ancestral. O objetivo dessa pesquisa, além de coletar dados da família, resgatar as nossas memórias, para que os demais membros da família saibam o difícil início na região, foi investigar como foi organizada a prática pedagógica na nossa escola, sem materiais, sem estrutura, mas com foco no lúdico ancestral. Buscamos compreender a história dos quilombos e descrevemos as principais características da educação quilombola. Igualdade e diferença dialogaram na construção cultural local, laços de pertencimento a comunidade desse estudo me possibilitou compreender a diversidade dos meus parentes e a prática pedagógica utilizada pelas professoras, elas atuaram na educação quilombola, pude observar que a aproximação da cultura da comunidade com os elementos didáticos foi relevante aos estudantes do local.

Palavras Chaves: Quilombo, educação quilombola, prática pedagógica

Abstract

When reporting my experience, as a resident of Furna dos Baianos, I felt that I could contribute, encouraging some people to also report their experiences, I observed and participated in the pedagogical practice in quilombola education: the use of ancestral play. The objective of this research, in addition to collecting family data, rescuing our memories, so that other family members know about the difficult beginnings in the region, was to investigate how pedagogical practice was organized in our school, without materials, without structure, but with a focus on ancestral play. We seek to understand the history of quilombos and describe the main characteristics of quilombola education. Equality and difference dialogued in the local cultural construction, ties of belonging to the community of this study allowed me to understand the diversity of my relatives and the pedagogical practice used by the teachers, they worked in

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/CPAQ-2

² Orientadora, professora Dr^a da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

quilombola education, I was able to observe that the approximation of the community's culture with the elements teaching materials was relevant to local students.

Keywords: Quilombo, quilombola education, pedagogical practice

Introdução

A história dos quilombos remonta à era da escravidão no Brasil, quando indivíduos afrodescendentes foram trazidos ao país como escravos. O termo "quilombo" faz referência a agrupamentos de escravos fugitivos que enfrentavam circunstâncias extremamente desafiadoras de trabalho e vida nas plantações e fazendas, buscando refúgio em áreas isoladas, como florestas, montanhas e regiões de difícil acesso.

Sou a 5ª geração descendente de um grupo de negros, que formou um Quilombo, esse grupo fundou a Furna³ dos Baianos, resolvi relatar um pouco da história dos meus antepassados, para que ela não se perca no tempo.

O objetivo dessa pesquisa, além de coletar dados da família, para que os demais membros da família saibam o difícil início na região, foi investigar como foi organizada a prática pedagógica, com foco no lúdico ancestral. Buscamos compreender a história dos quilombos e descrevemos as principais características da educação quilombola.

No ano de 1956 meu bisavô Vitor Gomes da Silva veio da Bahia para o Estado, na época Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, mais precisamente Aquidauana/MS. Chegou com a família, na companhia de nove irmãos. Observaram a região e foram se fixar em um pequeno lote de terra, próximo as Furnas, que logo passou a se chamar Furna dos Baianos, localizado em Piraputanga, Distrito de Aquidauana.

Na época, o trem passava pela localidade de Piraputanga⁴ e era um local bem movimentado, devido a passagem e paragem do trem no local. O trem saía da cidade de Bauru no estado de São Paulo e seguia até a cidade de Corumbá/MS.

Acompanhado de mais nove irmãos adquiriam uma pequena porção de terra, nessa localidade se instalou com sua esposa e alguns filhos que na época eram crianças. Foi um período difícil, de recomeço, em um local com gente hospitaleira, mas distante da terra natal.

³ O termo "furna" significa caverna, cova, lapa, sendo utilizado em outras regiões brasileiras para designar qualquer escorregamento de encosta ou cavidade no terreno. (Dicionário on-line, 2023).

⁴ Piraputanga é um distrito do município brasileiro de Aquidauana, no estado de Mato Grosso do Sul. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sua população no ano de 2010 era de 673 habitantes, sendo 356 homens e 317 mulheres, possuindo um total de 515 domicílios particulares. Foi criado pela Lei Estadual nº 1.164, de 20 de novembro de 1958. (Wikipédia.org, 2023).

Começaram o plantio e a renda familiar se dava com a produção da agricultura local que era milho, mandioca, feijão catador, feijão de andu e abóbora, todos os derivados desses alimentos serviam como mantimento para os irmãos que trabalhavam juntos e dividiam a colheita, sendo que esses alimentos servia aos familiares, seus filhos e também alguns vizinhos.

Ali também instalaram uma pequena fábrica de farinha de mandioca, que funciona na atualidade. É um momento dedicado a reunião da família, pois aqueles que já não moram no local, voltam e ajudam no preparo da farinha, seja arrancando a mandioca, ralando, secando e torrando. Após o processo de preparo e finalização, a produção é dividida entre os membros participantes.

No início da instalação do grupo de irmãos no local, a comunidade no entorno, era carente e eles ajudavam da forma que podiam, pois as famílias eram muito numerosas e fazendo dessa forma supriam-se as necessidades básicas de um lar.

Com o passar dos anos, com muita dificuldade, foi construída uma escola para atender toda a demanda de negros que ali viviam, pois precisavam aprender a ler e escrever. Uma das irmãs, minha tia, Valdomira Da Silva Ferreira foi uma das primeiras professoras que lecionaram ali, isso muitos anos após se estabelecerem no local, depois de cursar o Normal Médio e retornar já formada, aproximadamente no ano de 1988.

As práticas pedagógicas utilizadas naquela época eram bem rudimentares, recorrendo a ancestralidade quilombola, materiais concretos do cotidiano dos alunos, por exemplo: quantidades estudadas com o coquinho da bocaiuva, que os alunos catavam a caminho da escola, na geografia, as pedrinhas e suas formas, algumas paisagens e formas de árvores e plantas rasteiras e medicinais. O local é muito aprazível, as paisagens chamam a atenção das pessoas que por ali passam ou que ouviram falar do local.



Imagem de Piraputanga. Fonte: Google, 2023.

A professora Valdomira relatou que quando iniciou suas atividades na escola, percebeu que alguns alunos tinham déficit de atenção e os mesmos não conseguiam acompanhar a turma, pois devido a distância (25 km de Aquidauana, 2 km de Piraputanga) as salas eram multisseriados, esse foi o motivo que recorreu as práticas pedagógicas ancestrais, ou seja, trabalhar com os materiais do cotidiano das crianças.

Trabalhado com as crianças e pré-adolescentes, com objetos do interesse e cotidiano, a professora facilitou a alfabetização desses alunos, foi trazido para o local alguns livros de quadrinhos, que também ajudaram no desenvolvimento da escrita e da leitura daquelas crianças e jovens que ali estudavam. A forma de punição para aqueles que não obedeciam era ler e reler a tabuada ou ficar sem a saída para o recreio que na época era mais demorado que nos dias atuais, em torno de trinta minutos.

Na parte da Cultura todas as famílias que ali residiam tinham sua devoção, (São Sebastião – 20 de janeiro, São João em 23 de junho, São João é o padroeiro da Vila de Piraputanga, São Cosme e Damião – setembro, Santa Luzia) toda festa de devoção tinha uma sequência: começava cedo com uma reza, que incluía um terço, almoço e baile a noite, todas as famílias participavam.

Na festa de São Cosme e São Damião, era erguida uma, mesa dos anjos, com 7 crianças com a idade de 7 anos. A noite Samba de Roda com todas as famílias que moravam no local e ainda os convidados, ou visitantes. o samba de roda era composto por todos os membros da família e os que visitavam a festa.



Samba de Roda. Fonte: Arquivo da família, 1990

Já Santa Luzia, tinha a sua celebração em dia 13 de dezembro, promessa por parte de uma tia que tinha um filho doente. Já a folia de Santo Reis, toda a comunidade, comemora na Associação da Comunidade. Era uma das festas mais esperadas, pois todos iam para o Distrito de Piraputanga comemorar na Associação local, era procedida de reza, almoço, janta e um baile no fim da noite.

Quase que em forma de rodizio, durante ao longo dos anos, os festejos de repetiam, cada ano com uma família. A religião predominante até os dias presentes, é o catolicismo e apenas uma família evangélica, embora sejam diferentes ambas exerciam o respeito pelo outro, pela fé e pela cultura dos demais.

Devido a dificuldade de se locomover, nas idas e vindas até a cidade de Aquidauana, ou até mesmo no distrito de Piraputanga, houve muitos casamentos entre primos, um exemplo: meus pais: Wilson de Oliveira e Vera Lúcia da Silva nasceram ali pelas mãos de uma parteira chamada Josefa (Mãe Sefa) como era conhecida, era sobrinha do meu avô e ali, na necessidade, aprendeu a arte de trazer as crianças ao mundo, pois não havia médicos e nem enfermeiras, fez mais de 243 partos, todos nas casas, das senhoras locais, dentre eles os do meu pai e mãe, que por sua vez são primos de segundo grau, pois uma das irmãs do meu bisavô Vitor, chamada Aguelia se casou e teve dez filhos, dentre eles o Joel Gomes da Silva meu avô paterno que consequentemente teve seis filhos, dentre eles meu pai Wilson de Oliveira que por sua vez tem dois filhos, eu, Anderson e Andressa minha irmã mais nova.

Hoje já quase formado em Pedagogia exerço o papel que aprendi, vindo desde pequeno, a luta dos meus familiares com a terra, com a cultura, e principalmente com minhas tias que ao longo dos anos foram se tornando professoras e passando o gosto e a disposição de ensinar a seus filhos, minha mãe também é professora, sigo os passos dos meus antepassados, o gosto pela arte de educar. Elas são referência, não só em minha vida, mas na vida de todos que moravam e moram ainda hoje na Furna dos Baianos.

Todas essas pessoas fizeram e fazem história por onde passaram e deixaram o seu legado de respeito e amor ao próximo, pelas suas raízes, fé e cultura. De acreditar que é possível uma vida melhor, dividindo conquistas e saberes.

O estudo da educação quilombola é de extrema importância para o meio acadêmico para promover a valorização da diversidade, uma vez que a população quilombola representa uma parte significativa da população brasileira. Estudar sobre essa forma de educação proporciona a compreensão dos direitos humanos e da igualdade de direitos para todos os cidadãos, independentemente de sua origem étnica.

Também é uma forma de combater o racismo e o preconceito racial, pois busca valorizar a identidade, a cultura e a história das comunidades quilombolas. Portanto, estudar sobre esse tema contribui para a sensibilização e a conscientização sobre a importância de respeitar e valorizar a diversidade étnica, baseando-se no conhecimento ancestral e nas práticas culturais dessas comunidades.

História do Quilombo

Os quilombos foram fundamentais para a resistência negra no Brasil, mantendo viva a cultura africana, promovendo a união entre os negros e buscando uma vida mais digna, além de ser um exemplo de luta contra a opressão e a exploração. O reconhecimento dessa importância levou à criação de políticas públicas e leis para a proteção e a preservação dos remanescentes de quilombos,” como a Constituição de 1988 e o Decreto nº 4.887/2003, que reconhecem o direito à terra e à preservação da cultura quilombola”.

Ter contado com a história dos quilombos traz uma perspectiva da potência, da luta, da resistência e não somente da violência e da tragédia, sem desconsiderar os horrores da escravidão (Moura, 2021, p. 13).

O quilombo é uma fase típica da história do Brasil colonial (1530-1822), quando os negros escravizados fugiam das fazendas e se refugiavam em áreas afastadas, como matas, montanhas e áreas de difícil acesso. Mesmo após a proclamação da independência do Brasil (1822), a escravidão era uma prática comum e legitimada pela sociedade da época.

No período escravista (1535-1889), os africanos e seus descendentes eram submetidos às mais terríveis condições de trabalho e opressão (Treccani, 2006). Os quilombos surgiram a partir do século XVI e se intensificaram durante os séculos XVII e XVIII, quando o sistema escravocrata estava consolidado no Brasil colonial. Eles representaram uma resistência ao regime de escravidão, pois os quilombolas buscavam se auto sustentar, estabelecendo sistemas de produção agrícola, caça, pesca e artesanato, além de desenvolverem estratégias de defesa contra as investidas dos capitães-do-mato (caçadores de escravos fugitivos) e das autoridades coloniais (Treccani, 2006)..

O mais conhecido e importante quilombo da história do Brasil foi o Quilombo dos Palmares, localizado na região que hoje corresponde ao estado de Alagoas. Liderado por Zumbi dos Palmares, o quilombo resistiu por mais de 80 anos, sendo considerado um grande desafio para as autoridades coloniais portuguesas. Tornou-se um símbolo de luta e resistência contra a escravidão, pois durante esse período de resistência, o quilombo de Palmares chegou a abrigar

cerca de vinte mil pessoas, entre negros, indígenas e brancos que se uniram à luta contra a escravidão.

Zumbi dos Palmares, considerado um dos maiores líderes quilombolas, lutou incansavelmente pela liberdade do seu povo, mas foi capturado e morto em 1695 pelas forças coloniais (Moura, 2021).

Com a promulgação da Lei Áurea em 1888, que aboliu formalmente a escravidão no Brasil, muitos quilombos foram desfeitos, mas algumas comunidades quilombolas conseguiram preservar suas terras e tradições ao longo do tempo. Atualmente, a Constituição Brasileira reconhece o direito à propriedade das terras ocupadas por remanescentes de quilombos, garantindo sua proteção e preservação (Moura, 2021).

Entretanto, no período em que se aboliu a escravidão, africano em liberdade prestando serviços para particulares ou instituições públicas, continuava sendo tratado como escravo. Aqueles que se beneficiavam dos seus serviços, não tinha intenção de facilitar sua emancipação. Como resultado, o africano não conseguia juntar dinheiro para contratar advogados ou procuradores a fim de buscar sua liberdade. Sendo assim continuavam sem proteção legal, jogados à sorte de que alguém bondoso tivesse disposição para acompanhá-los em todas as provações morais impostas a eles (Moura, 2004).

Segundo Moura (2004), é valioso lembrar que os africanos que conquistavam sua liberdade, através da alforria, não eram reconhecidos como cidadãos brasileiros, sendo categorizados como estrangeiros. Além disso, diversas medidas repressoras ainda eram aplicadas a esses indivíduos. Por possuírem uma língua, religião e costumes distintos, eram considerados uma ameaça social e, dessa forma, não podiam desfrutar das garantias constitucionais destinadas aos cidadãos brasileiros.

Ancestralidade

No Brasil, os afrodescendentes e seus herdeiros igualmente criavam uma ligação com a religiosidade que era influenciada por diferentes concepções da existência, da natureza e da linhagem ancestral, que se diferenciavam consideravelmente das percepções da religião cristã, originando assim rituais únicos. Essa fusão de rituais constitui um traço essencial da identidade religiosa e racial do povo brasileiro, evidenciando a nossa vasta diversidade (Bissoli, 2017).

Educação Quilombola

É importante destacar inicialmente que nas práticas de leitura dos escravos do século XIX, a comunicação oral, possuía uma forte dependência da memória para a repetição de histórias antigas. Ao redor do fogo, após um dia exaustivo de trabalho, homens e mulheres tinham o costume de se reunir para compartilhar narrativas e, por meio delas, recordar uma terra que representava, principalmente para os mais velhos, um paraíso perdido. No entanto, eles também se engajavam em simples conversas em voz alta (Barbosa, 2017).

Quando a escrita assume papel de destaque, os escravos do século XIX também eram leitores de várias formas, inseridos em sistemas de leitura e escrita; escutavam os textos que eram lidos diretamente para eles, como aqueles que se disseminavam nos lares de seus proprietários. Muitos compreendiam o significado das palavras impressas e acompanhavam as imagens de seus próprios rostos e corpos que frequentemente apareciam nos periódicos que circulavam nas áreas rurais e urbanas. Mesmo sem saberem decifrar as letras escritas, eram alfabetizados, sabiam contar, podiam exercer profissões como carpinteiros, pedreiros, e vendedores. E mesmo aqueles que não tinham conhecimento das palavras escritas, sabiam a importância da comunicação escrita e buscavam formas alternativas para participar dessa prática (Barbosa, 2017).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola (Brasil, 2013), a educação quilombola segue orientações das Diretrizes Nacionais da Educação Básica, a qual determina que a Educação Escolar Quilombola, seja promovida em instituições educacionais localizadas nas terras e cultura quilombolas, necessitando de uma abordagem pedagógica adaptada para respeitar a especificidade étnico-cultural de cada comunidade e exigindo uma formação específica para seus professores, de acordo com os princípios constitucionais, a base nacional comum curricular e os princípios que orientam a Educação Básica no Brasil. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, é fundamental reconhecer e valorizar a diversidade cultural presente nessas comunidades.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola (Brasil, 2013), a educação diferenciada para as comunidades quilombolas, são garantidas pela Constituição Federal de 1988, que leva em consideração a cultura em que o aluno está inserido, estabelecendo que deve ser garantido a todos em idade escolar o direito ao "Ensino Fundamental, obrigatório e gratuito", assegurada oferta gratuita do ensino para aqueles que não tiveram acesso na idade apropriada (art.. 208, I, g). Estabelece como competência do poder público o recenseamento dos alunos no Ensino Fundamental, a realização de chamadas e a

garantia da frequência escolar em colaboração com os pais ou responsáveis (art. 208, VII, § 3º). Determina que sejam estabelecidos conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental, respeito aos valores culturais e artísticos, tanto nacionais quanto regionais (art. 210).

Na Educação Infantil, as atividades e metodologias oferecidas contemplam os saberes e fazeres locais, a oralidade e a ancestralidade. O respeito ao passado é uma forma de reconhecer e honrar o conhecimento adquirido por nossos antepassados ao desbravarem terras desconhecidas e construírem grandes civilizações desde que chegaram aqui. Através do diálogo, apesar de todos os obstáculos enfrentados, a educação quilombola impulsiona avanços, mas sem jamais perder de vista o valor e dos ancestrais (Brasil, 2013).

Também é importante que as crianças sejam incentivadas a brincar de forma livre e espontânea, resgatando as brincadeiras tradicionais como pular amarelinha, brincar de roda, cantar músicas folclóricas, entre outras. Além das brincadeiras, é importante que a prática pedagógica contemple atividades que valorizem a cultura quilombola, como contar histórias e lendas, organizar oficinas de artesanato com materiais recicláveis, realizar atividades de culinária utilizando alimentos da região, entre outras (Brasil, 2013).

Dessa forma, a questões da ancestralidade, está contemplada na educação quilombola, contempladas na regulamentação, voltada para a educação no campo. A educação baseada no lúdico ancestral, contribui para o fortalecimento da identidade cultural das crianças, promovendo o resgate e a valorização das tradições quilombolas, pois

A terra, para os quilombolas, tem valor diferente daquele dado pelos grandes proprietários. Ela representa o sustento e é, ao mesmo tempo, um resgate da memória dos antepassados, onde realizam tradições, criam e recriam valores, lutam para garantir o direito de ser diferente sem ser desigual. Portanto, a terra [...]está relacionada com a dignidade, a ancestralidade e a uma dimensão coletiva (Brasil, 2013, p. 439).

Lúdico ancestral

O lúdico ancestral se refere a atividades de lazer e entretenimento que têm origem em tempos remotos, nas primeiras sociedades humanas. São práticas que costumam estar relacionadas a jogos, brincadeiras, danças e festividades que foram tradicionalmente transmitidas ao longo das gerações. Essas atividades podem ter diferentes propósitos, como estimular a cooperação, o desenvolvimento físico e mental, além de promover o convívio social (Bissoli, 2017).

O lúdico ancestral é fundamental para o desenvolvimento integral da criança, pois permite que ela se conecte com suas raízes, história e identidade cultural. Dessa forma, a prática pedagógica na educação infantil quilombola, baseada no lúdico ancestral, contribui para o fortalecimento da identidade cultural das crianças, promove o resgate e valorização das tradições quilombolas e possibilita um aprendizado significativo de forma lúdica e prazerosa (Bissoli, 2027).

Exemplos de jogos e atividades lúdicas ancestrais incluem jogos de tabuleiro antigos, como o Senet no Egito Antigo, a peteca, a queimada, a cabo de guerra, a dança da roda, entre muitos outros. São práticas que preservam tradições e valores comunitários, permitindo que os participantes se conectem com suas raízes culturais.

Território lúdico ancestral na Educação Infantil quilombola

Na educação infantil quilombola, é importante que as crianças sejam incentivadas a brincar de forma livre e espontânea, resgatando as brincadeiras tradicionais como pular amarelinha, brincar de roda, cantar músicas folclóricas, entre outras. Além das brincadeiras, é importante que a prática pedagógica contemple atividades que valorizem a cultura quilombola, como contar histórias e lendas, organizar oficinas de artesanato com materiais recicláveis, realizar atividades de culinária utilizando alimentos da região, entre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reviver as memórias da família, lembrar os ensinamentos das professoras na Furnas dos Baianos e comparar os ensinamentos ancestrais e a prática pedagógica desenvolvida na comunidade remanescente, permitiu visualizar a atuação das professoras daquela comunidade, permitiu verificar que suas ações desenvolvidas na prática pedagógica permitiu um maior aprendizado, atendendo a diversidade do local.

Com relação a pesquisa sobre os quilombos, permitiu verificar que a família se fechou em proteção ao grupo, haja vista a quantidade de casamentos entre primos, ali se formou um grupo social diferenciado, com ações positivas e afirmativas promovendo a sobrevivência, a cultura e a educação. No campo da didática, mesmo sem saber, as professoras utilizaram os saberes ancestrais em seus ensinamentos e conseguiram alfabetizar e incentivar os jovens a prosseguirem seus estudos.

Igualdade e diferença dialogaram na construção cultural local, laços de pertencimento a comunidade desse estudo me possibilitou compreender a diversidade dos meus parentes e a prática pedagógica utilizada pelas professoras, elas atuaram na educação quilombola, pude observar que a aproximação da cultura da comunidade com os elementos didáticos foram relevantes aos estudantes do local.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva Carlos. Modos de comunicação e práticas de leitura dos escravos do século XIX. **Comunicação Mídia Consumo**, São Paulo, v. 14, n. 39, p. 152-171, jan/abr. 2017. Disponível em: <https://shre.ink/9TxX> Acesso em: 11 maio 2023

BISSOLI, Bruno; DIB, Caio; VILELLA, Mariana; FERRAZ, Renat; PINHEIRO, Vanessa. Educação de alma brasileira. Vekante Educação e Cultura, 2017, 192 p.

BRASIL, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica/Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC/SEV/DCEI, 2013, 565p.

MOURA, Clóvis. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004, 218p [versão PDF]. Disponível em: <https://shre.ink/9T0W> acc 20 jun. 2023

MOURA, Clóvis. **Quilombos: resistência ao escravismo**. 5ª ed. - Teresina : EdUESPI, 2021. [E-book. ISBN: 978-65-88108-22-2]. Disponível em: <https://shre.ink/9Tgs> Acesso em: 27 jun. 2023

TRECCANI, Girolamo Domenico. **Terras de Quilombo: caminhos e entraves do processo de titulação**. Belém: Secretaria Executiva de Justiça. Programa Raízes, 2006, 300p.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Letramento e escolas. In: SACHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santo [orgs.]. **Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos**. Lilia. São Paulo: companhia das Letras, 2018.